

ORIENTE MÉDIO / Autoridades dos EUA e o porta-voz da coalizão militar contra os rebeldes huthis no Iêmen acusam Teerã de bombardear as duas maiores instalações petrolíferas da Arábia Saudita. Trump se diz pronto, mas admite que gostaria de evitar a guerra

Tudo aponta para o Irã

» RODRIGO CRAVEIRO

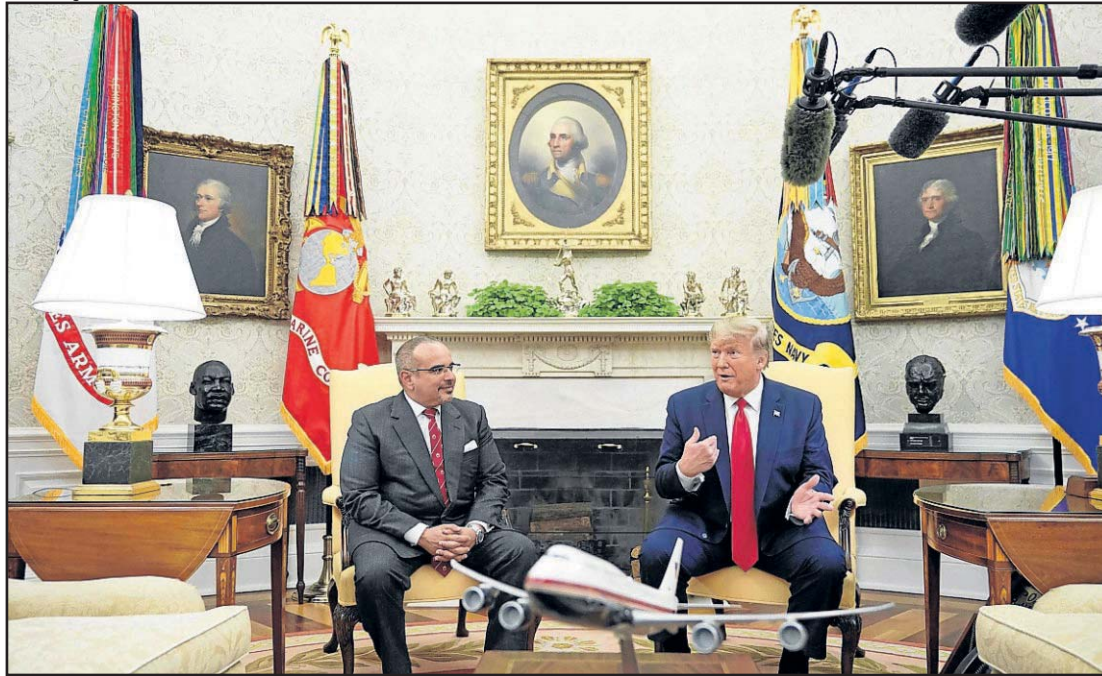
Washington e Riad responsabilizaram Teerã pelos bombardeios às duas principais instalações petrolíferas da Arábia Saudita, no último sábado. “A investigação segue, e todas as indicações mostram que as armas usadas provêm do Irã”, afirmou o coronel Turki Al-Maliki, porta-voz da coalizão liderada pela Arábia Saudita contra os rebeldes huthis (xiitas) no Iêmen. Ele assegurou que os ataques não partiram do território iemenita e ameaçou uma retaliação direta contra Teerã. Para Al-Maliki, os huthis são um “instrumento nas mãos dos Guardiões da Revolução e do regime terrorista iraniano”.

As declarações de Al-Maliki foram uma resposta ao presidente norte-americano, Donald Trump. “Estamos armados, carregados e prontos a disparar, dependendo da verificação, mas estamos esperando ouvir do Reino (Arábia Saudita) quem eles creem que causou esse ataque”, escreveu o republicano no Twitter, na noite de domingo. No dia seguinte, Trump disse que “está parecendo” que o Irã é o culpado pelos ataques. “Nós deixaremos vocês saberem, definitivamente. Isso está sendo checado agora”, admitiu. “Os Estados Unidos estão mais preparados (para um conflito). Nós certamente o evitaríamos.”

Em outro tuíte, publicado ontem, Trump se referiu diretamente ao Irã: “Lembrem-se de quando o Irã abateu um drone, dizendo conscientemente que estava em seu ‘espaço aéreo’, quando, na verdade, não estava nem perto. Eles se apegaram fortemente a essa história sabendo que ela era uma grande mentira. Agora, dizem que não tiveram nada a ver com o ataque à Arábia Saudita. Veremos?”

As autoridades americanas divulgaram imagens de satélite com detalhes dos danos causados em Abqaiq, a maior unidade de tratamento de petróleo bruto no mundo, e ao campo petrolífero de Khurais (veja arte). Os ataques à Arábia Saudita levaram ao maior corte de produção de petróleo da história. “Os militares dos Estados Unidos (...) estão trabalhando com nossos parceiros para fazer frente a este ataque sem precedentes e para de-

Mandel Ngan/AFP



Trump recebe o príncipe herdeiro do Bahrein, Salman bin Hamad al-Khalifa: “Parece que o Irã é o culpado”

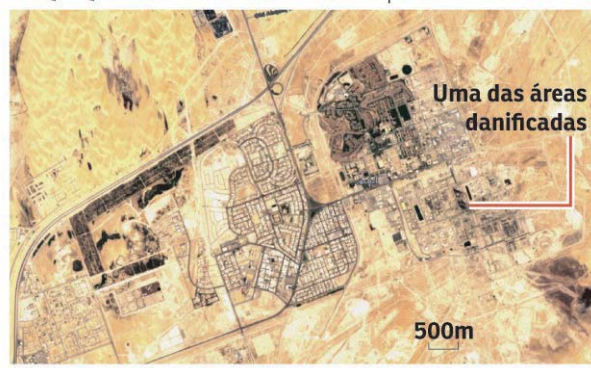
Ataques à infraestrutura petrolífera saudita

Imagens de satélite de 15 de setembro



Fonte: Copernicus (Sentinel-2) / Imprensa dos EUA, maps4news.com/©HERE

ABQAIQ Maior unidade de tratamento de petróleo bruto no mundo



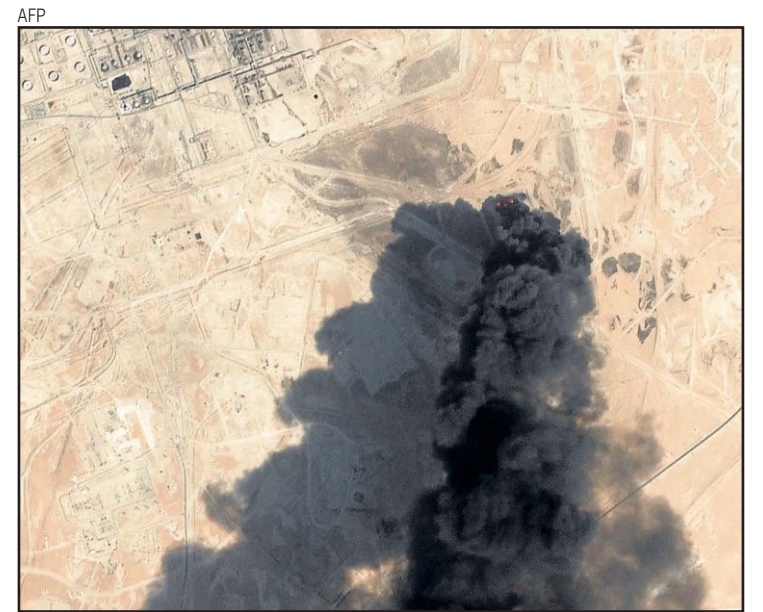
KHURAIS Campo petrolífero



Moscou oferece mísseis a Riad

O presidente russo, Vladimir Putin, ofereceu à Arábia Saudita a compra de um sistema de mísseis antiaéreos para defender seu território após os ataques registrados contra sua infraestrutura de petróleo durante o fim de semana. “Estamos dispostos a ajudar a Arábia Saudita para que ela possa proteger seu território. Isso poderia ser feito da mesma maneira que o Irã, comprando sistemas de mísseis russos S-400”, disse Putin em Ancara. “Essas armas certamente protegerão qualquer sítio de infraestrutura na Arábia Saudita”, acrescentou.

fender a ordem internacional, com base em um sistema de regras, contra a tentativa de miná-lo” por parte do Irã, disse o secretário de Defesa dos EUA, Mark T. Esper. Em meio à tensão ante uma possível retaliação saudita ou norte-americana, o presidente do Irã, Hassan Rohani, negou envolvimento direto no



atentados contra a infraestrutura petrolífera de Riad, mas tentou justificá-los. “O povo do Iêmen foi obrigado a reagir. Está apenas se defendendo”, disse, em Ancra, durante entrevista coletiva com os colegas Vladimir Putin (Rússia) e Recep Tayyip Erdogan (Turquia). Segundo o Líder iraniano, os iemenitas exercem “legítima defesa” e “reciprocidade”, ante os bombardeios contra o seu país.

Desestabilização

Em visita a Bagdá, Jens Stoltenberg, secretário geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), admitiu estar “extremamente preocupado” com a situação e acusou o Irã de “desestabilizar a região inteira”. A Rússia externou solidariedade com a Arábia Saudita, enquanto a China e a União Europeia defenderam moderação por parte de Washington, Riad e Teerã.

Alon Ben-Meir, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, disse ao Correio que pode não ter existido um envolvimento direto de Teerã nos bombardeios às refinarias. “No entanto, o fato de Teerã suprir os rebeldes huthis com os mísseis usados os torna cúmplices”, opinou. O especialista duvida que os EUA ataquem o Irã em retaliação à ofensiva dos huthis contra a infraestrutura petrolífera saudita. “Pelo que sei, EUA e Irã mantêm negociações em andamento com a ajuda de uma terceira parte, a fim de comecem a dialogar sobre o programa nuclear de Teerã. Por isso, acho que Trump se absterá de atacar o Irã neste momento.”

O saudita Ali Al Ahmed, especialista do Instituto para Assuntos do Golfo (em Washington), afirmou à reportagem que os mísseis e drones utilizados nos bombardeios são de origem iraniana, mas lembrou que o Iêmen também projeta armamentos baseados naqueles pertencentes ao Irã. “Ainda acredito que o Iêmen esteja por trás dos ataques. Os Estados Unidos desejam aumentar a pressão sobre Teerã. É uma manobra conveniente: os americanos lançam o Irã no meio disso e evitam serem responsabilizados por seu papel nos crimes de guerra no Iêmen”, explicou.

Análise da notícia

Hora de contenção

Uma aventura militar dos Estados Unidos contra o regime iraniano pode custar muito caro tanto para Washington quanto para os aliados. As bases norte-americanas espalhadas pelo Oriente Médio ficariam expostas a possíveis ataques retaliatórios. Israel, inimigo declarado do Irã, poderia ser o destino dos primeiros mísseis de Teerã. Uma contraofensiva israelense contra o território iraniano provavelmente empurraria a milícia xiita libanesa Hezbollah a um confronto direto com as forças do Estado judeu, depois de várias escaramuças na fronteira, nas últimas semanas.

Uma guerra de envergadura regional em um Oriente Médio historicamente deflagrado pela tensão impactaria diretamente a economia global, ante a vulnerabilidade do suprimento de petróleo, elevando o preço das commodities e dos combustíveis. Sem contar a ameaça do terrorismo islâmico, que enxerga os norte-americanos como força invasora. É provável que o próprio Donald Trump tenha a consciência dos riscos de um confronto. Tanto que, ontem, ele garantiu que seu país “certamente gostaria de evitar uma guerra” com o Irã. É hora de a moderação e a contenção falarem mais alto e evitarem um desastre. (RC)

Eu acho...

“As consequências dos ataques às instalações petrolíferas serão permanentes. A condição econômica saudita vai se deteriorar e levará à fuga de capitais e de cérebros. Os investimentos estrangeiros também secarão. O governo saudita cometeu o seu maior erro ao travar uma guerra contra o Iêmen.”

Ali Al Ahmed, especialista saudita do Institute for Gulf Affairs (em Washington)



Candidatos antissistema no segundo turno

Os tunisianos acordaram ontem sacudidos pelo resultado do primeiro turno de uma eleição presidencial pouco habitual, cujos primeiros lugares foram reivindicados por dois candidatos “antissistema”. O professor universitário sem partido Kais Saied liderava os resultados, com 19% dos votos, seguido do magnata das comunicações preso Nabil Karui (14,9%), de acordo com os primeiros dados divulgados pela autoridade eleitoral (Isie), depois de 27% dos votos apurados. O candidato do partido de inspiração islamita Ennahda, Abdelfattah Muri, aparece em terceira posição (13,1%), segundo o mesmo órgão.

Caso estes resultados se confirmem, trata-se de um terremoto para a classe política no poder desde a Revolução de 2011 e do início de um período de incerteza no país, pioneiro da chamada “Primavera Árabe”. Ontem, a imprensa local confirmava a surpresa diante do resultado. “Um veredito que não se esperava”, afirmou o jornal *La Presse*. “A bofetada”, dizia *Le Temps* em seu editorial, enquanto o jornal *Echourouk* falou de um “terremoto político”, e o *Maghreb*, de “tsunami”.

Em uma primeira reação no domingo à noite, o primeiro-ministro Yussef Chahed, um dos grandes perdedores das eleições, convocou liberais e de centro a se

unirem para as legislativas de 6 de outubro. Também se mostrou preocupado com a baixa participação, segundo ele, “ruim para a transição democrática”. O índice de participação nas urnas chegou a 45,02%, um percentual muito baixo em relação aos 64% do primeiro turno da eleição presidencial em 2014, segundo o Isie.

Com 26 candidatos, as eleições foram realizadas em um contexto de crise social e econômica e em meio a uma tendência de rejeição das elites políticas. Karui, de 56 anos, está detido desde 23 de agosto por “lavagem de dinheiro”. A Justiça negou três vezes os pedidos de soltura feitos por seus advogados. Caso o resultado para o segundo

turno se confirme, será uma situação sem precedentes no mundo para eleições presidenciais. Rotulado de “populista” por seus críticos, Karui ganhou popularidade nos últimos anos, distribuindo comida e eletrodomésticos.

Kais Saied, um constitucionalista muito conservador nas questões sociais, entrou na cena política de forma inesperada. Os tunisianos o descobriram na televisão, espaço em que comentava os temas políticos desde a Revolução de 2011. Não tem qualquer estrutura que o apoie e nunca havia participado de uma campanha eleitoral. Nestas últimas semanas, multiplicou os deslocamentos no país.

Anis Mili/AFP



Kais Saied: conservador nos temas sociais e sem base de apoio

Fethi Belaid/AFP - 18/6/19



Nabil Karui: rotulado de populista e preso por lavagem de dinheiro